

TRADUÇÃO

AS CONCEPÇÕES DE DESENVOLVIMENTO AUTÔNOMO EM FRANTZ FANON E IVAN ILLICH¹Marion Blute¹Tradução: Diogo Valença de Azevedo Costa²

A CIRCULAÇÃO INTERNACIONAL DE IDEIAS ENTRE NORTE E SUL – PASSAGENS DE FLORESTAN FERNANDES PELA UNIVERSIDADE DE TORONTO

Diogo Valença de Azevedo Costa

Muito difícil é traduzir um texto vivo, em que a autora dialoga engajadamente com a realidade que se propõe analisar. É o caso do *paper* de Marion Blute intitulado “As concepções de desenvolvimento autônomo de Frantz Fanon e Ivan Illich”, escrito para uma disciplina de Florestan Fernandes sobre “sociedades latino-americanas”, ministrada na Universidade de Toronto no ano acadêmico de 1969 a 1970. A autora, então estudante de pós-graduação em sociologia, se interessou fortemente pelos problemas do então chamado Terceiro Mundo e procurou dialogar com as correntes de pensamento anticolonialistas, no caso de Fanon, e com a pedagogia humanista de Illich, ampliando seu campo de visão em relação às teorias explicativas das ciências sociais produzidas nos países de capitalismo avançado.

¹ O *paper* original não continha título, tendo sido elaborado especialmente para a presente publicação pela própria autora. Reproduzimos como anexo uma versão fac-similar da primeira página do trabalho, contendo as citações em epígrafe no início do texto, o nome de Marion Blute escrito em caneta e a nota atribuída por Florestan Fernandes [nota do tradutor].

¹ Professora Emérita da Universidade de Toronto, autora de *Darwinian Sociocultural Evolution: solutions to dilemmas in cultural and social theory*, Cambridge University Press, 2010.

² Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. Docente Permanente do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais – UFRB. E-mail: valencadiogo@ufrb.edu.br

Meu interesse de traduzir o presente texto surgiu justamente de pesquisas documentais na Biblioteca e Arquivos Pessoais de Florestan Fernandes da Unidade Multidisciplinar de Memória e Arquivo Histórico (UMMA) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) em outubro de 2019. Deparando-me com o exame das correspondências de Florestan Fernandes e na releitura das suas publicações escritas à época de sua estadia de três anos em Toronto, encontrei os nomes da Professora Marion Blute e do Professor Bernd Baldus. Em seguida escrevi para ambos perguntando se poderiam me passar algumas informações ou recordações pessoais sobre a vida acadêmica de Florestan Fernandes na Universidade de Toronto. Não apenas recebi respostas muito gentis e atenciosas, mas a Profa. Blute me informou ter produzido um *paper* até hoje não publicado comparando pensadores aparentemente tão distantes entre si como o revolucionário martinicano Frantz Fanon e o educador austríaco, radicado na América Latina, primeiro em Costa Rica e depois no México, Ivan Illich. Solicitei autorização para traduzir o *paper* e publicá-lo na seção especial “Novos Olhares no Brasil e no Mundo”, da revista de nosso Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (PPGCS/UFRB). A Profa. Blute não apenas gentilmente autorizou a tradução e a publicação, como também redigiu uma breve apresentação das circunstâncias em que o trabalho foi escrito. Como se verá nesse trabalho de aproveitamento acadêmico para uma disciplina, a autora, cidadã de um país de capitalismo desenvolvido, se esforça ao máximo para compreender os dilemas do Terceiro Mundo em nossos próprios termos, especialmente a partir de Fanon e de um pedagogo suíço sensível aos problemas dos países subdesenvolvidos. Isso prova o quanto o conhecimento produzido nas ciências sociais assume uma dimensão internacional e solidária, contrastando com a dominação política dos centros imperiais.

Perguntei ao Prof. Bernd Baldus, então jovem docente recém contratado pela Universidade de Toronto à época em que conheceu Florestan Fernandes, se poderia redigir uma breve recordação sobre seu colega e amigo brasileiro, no que fui atendido prontamente. Aposentado compulsoriamente da Universidade de São Paulo em 1969, sabemos que Florestan foi lecionar sociologia no exterior, ou melhor, num país de capitalismo desenvolvido, de tipo muito diverso dos problemas com os quais havia se deparado anteriormente em seus estudos sociológicos sobre o subdesenvolvimento e nas formulações iniciais da categoria teórica de capitalismo dependente. O momento do Tradução – As concepções de desenvolvimento autônomo em Frantz Fanon e Ivan Illich – Marion Butle – p. 334-367

exílio canadense foi, no entanto, o momento de um reencontro com a América Latina e consigo mesmo, pois no plano pessoal Florestan Fernandes enfrentou seus dilemas políticos mais profundos. O sociólogo brasileiro não se afastou da América Latina e manteve-se afetivamente vinculado às questões políticas de seu próprio país. Tanto é assim que abandonou uma carreira promissora de professor universitário no Canadá e regressou três anos depois, em 1972, para sobreviver a um relativo isolamento intelectual – entrecortado apenas por breves estadias no exterior em universidades de América do Norte – que iria perdurar até mais ou menos 1976, quando passaria a proferir palestras no *Sedes Sapientiae* e a lecionar novamente na pós-graduação de uma universidade brasileira, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Foi, contudo, na convivência com os estudantes de Toronto e com colegas de trabalho que alimentavam um vivo interesse em relação à América Latina que Florestan Fernandes pôde canalizar construtivamente a pesquisa de novas temáticas relativas aos dilemas históricos e políticos das nações subdesenvolvidas e de capitalismo dependente.

Assim, tanto o *paper* de Marion Blute, fruto em parte de seus debates na disciplina ministrada por Florestan Fernandes em Toronto, como o breve, mas muito significativo pelo seu valor humano, depoimento de Bernd Baldus apresentam em comum o testemunho do vivo interesse de cientistas sociais, críticos em relação à dominação imperialista e à mentalidade colonialista, dos países desenvolvidos do Norte pelas realidades dos países do Sul global nos idos dos anos 1960 e 70. A Profa. Blute e o Prof. Baldus apontam igualmente a aproximação dos movimentos políticos dos estudantes com pensadores originais como Fanon e Illich, o primeiro um revolucionário anticolonialista do Terceiro Mundo e o segundo o proponente de uma pedagogia libertária, autor de um famoso livro intitulado *Sociedade sem escolas*, publicado em 1971 e que fez muito sucesso no Brasil da década de 1980. Ambos também foram politicamente ativos nas décadas de 1960 e 70, no caso de Blute em sua participação nos movimentos de protesto contra a guerra de Biafra e, no de Baldus, pelo seu envolvimento contra o genocídio que representou a presença estadunidense no Vietnã. Esse era o ambiente político com o qual Florestan Fernandes se deparou na Universidade de Toronto. Embora nunca tenha se integrado de fato à vida acadêmica no exterior, como uma prova de apego obstinado a suas raízes de colonizado latino-americano, brasileiro, que se propõe a lutar por uma verdadeira e prolongada revolução anticolonial, podemos dizer que foi do estímulo de seu público canadense, talvez na

Tradução – As concepções de desenvolvimento autônomo em Frantz Fanon e Ivan Illich – Marion Butle – p. 334-367

grande maioria estudantes vinculados a movimentos de protesto radicais, que Florestan pôde aprofundar as principais temáticas de sua obra sociológica mais abertamente politizada, dentre os quais os movimentos políticos e revolucionários latino-americanos, as revoluções socialistas do século XX e, muito especialmente, a autocracia burguesa no capitalismo dependente.

Nas décadas de 1960 e 70 havia um espaço frutífero para o diálogo em via de mão dupla entre os cientistas sociais dos centros e das periferias, o qual parece ter diminuído pelo avanço hegemônico da superpotência mundial e de seus países satélites de capitalismo desenvolvido durante a Guerra Fria. Certamente não eram todos os cientistas sociais formados em países centrais que apresentavam um interesse autêntico pelos dilemas do subdesenvolvimento. Hoje, nas universidades brasileiras, devido em grande parte ao ingresso de setores da sociedade antes historicamente alijados do ensino superior, como estudantes negras e negros, quilombolas, indígenas, filhas e filhos de pequenos agricultores, das classes trabalhadoras e das camadas populares, surge no Brasil um interesse renovado e mais consistente pela obra de Frantz Fanon. Esse foi o principal motivo que me levou a traduzir o trabalho de Marion Blute e a breve recordação de Bernd Baldus sobre Florestan Fernandes, publicados na sequência como uma homenagem não apenas a esse grande sociólogo brasileiro, de origem humilde, mas também e principalmente aos estudantes dos cursos de Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Minha intenção seria indicar a profunda influência de Frantz Fanon no conjunto da produção sociológica de Florestan Fernandes durante e após a década de 1960, uma pesquisa ainda por ser elaborada, mas que já podemos perceber em livros, por exemplo, como *Circuito fechado, A ditadura em questão e Nova República?*, evidenciando um pensador capaz de incluir as massas despossuídas, os condenados do sistema, nos horizontes de uma visão marxista anticolonialista, antirracista e atenta às particularidades históricas do Terceiro Mundo. Por essas razões gostaria aqui de agradecer à generosidade da Profa. Marion Blute, ao me confiar a tradução do trabalho então redigido para a disciplina de Florestan Fernandes em Toronto, e à disponibilidade do Prof. Bernd Baldus em me enviar um breve depoimento de suas recordações na convivência com seu colega brasileiro.

Por fim, breves palavras sobre a tradução do *paper* de Marion Blute seriam necessárias. A principal preocupação foi se aproximar o máximo possível do conteúdo e das ideias apresentadas no texto, às vezes sendo necessária a substituição de palavras

Tradução – As concepções de desenvolvimento autônomo em Frantz Fanon e Ivan Illich – Marion Butle – p. 334-367

que pudessem melhor expressar o pensamento da autora. Sempre quando necessário, optei por reproduzir entre parênteses as palavras ou expressões originais em inglês, a fim de que os leitores possam tirar suas próprias conclusões. Por outro lado, a fim de complementar informações históricas, ou melhor precisar e traduzir os sentidos do texto original, foram elaboradas notas de rodapé e acrescentadas palavras ou expressões entre colchetes. Assim, o uso de parênteses foi reservado para reproduzir as ideias da própria autora e todos os colchetes são acréscimos realizados pelo tradutor. O *paper* original não continha título, tendo sido elaborado especialmente para a presente publicação pela própria autora. Reproduzimos como anexo uma versão fac-similar da primeira página do trabalho, contendo as citações em epígrafe no início do texto, o nome de Marion Blute escrito em caneta e a nota atribuída por Florestan Fernandes. As citações utilizadas pela autora foram referenciadas pelo sistema numérico, as quais transformei para o sistema autor-data, mantendo, contudo, as referências no formato original, sem obedecer às normas técnicas da ABNT. Em alguns casos, ao citar o livro as passagens de Frantz Fanon de *Colonialism*, a autora indica apenas o capítulo. Mantive assim. Já no caso das passagens de Ivan Illich, às vezes sequer há indicação da data ou das páginas, o que foi respeitado em relação ao original datilografado. Esperamos que a publicação do *paper* da Profa. Blute seja um estímulo para realizarmos pesquisas mais aprofundadas entre a circulação internacional de ideias entre cientistas sociais do Norte e Sul globais ou entre países centrais e periféricos do sistema capitalista mundial. Por compreender que tal diálogo crítico se faz necessário, esperamos que esse intercâmbio intelectual se faça nos horizontes de autonomia e respeito mútuos como propostos por Marion Blute em suas explicações das concepções de desenvolvimento de Fanon e Illich, como um importante capítulo da história das ciências sociais em âmbito internacional.

PROF. FLORESTAN FERNANDES NA UNIVERSIDADE DE TORONTO

Marion Blute

No ano acadêmico 1969-70, como estudante recém ingressa na pós-graduação em Sociologia da Universidade de Toronto, acompanhei então um curso sobre “Sociedades Latino-Americanas”, ministrado pelo Prof. Florestan Fernandes. Eu tinha um forte interesse no desenvolvimento econômico e social do “Terceiro Mundo”, como se dizia naquele tempo. Eu havia passado dois anos, após obter meu grau de Bacharelado em Psicologia e Inglês, como voluntária do Serviço Universitário Canadense no Exterior (a versão canadense do Corpo de Paz Americano) lecionando na Nigéria Oriental. Eu e outros voluntários ficamos horrorizados com o currículo de inglês no ensino médio e nas faculdades de formação de professores. O conteúdo era composto exclusivamente de romances e poemas ingleses. Tivemos grande prazer em apresentar aos estudantes romances e poesias nigerianas como o romance de Chinua Achebe, *Things Fall Apart*, e a poesia de Wole Soyinka, que eles apreciaram muito (Soyinka tornou-se mais tarde o primeiro africano a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura). Eu também tinha viajado pela América do Sul conhecendo Equador, Peru, Bolívia, Paraguai e Brasil por alguns meses. Outro ex-voluntário, o qual havia sido designado para essa localidade, disse-me pensar que os povos da região do Altiplano seriam os mais pobres do mundo. Eu lhe disse, ao contrário, acreditar que seriam, na verdade, os da região saheliana da África. Então decidi ver por mim mesma!

Eu também tinha sido politicamente ativa no protesto contra o cerco de Biafra e, junto com outros ex-voluntários, na organização de um fórum sobre “A Crise no Desenvolvimento”. Em vez de uma tarde ou uma noite de palestras, realizamos o fórum de uma maneira diferente. Organizamos quatro semanas de grupos de discussão na comunidade, igrejas, centros recreativos e assim por diante. Cada um de nós liderou um grupo, tendo produzido quatro manuais com leituras e perguntas para discussão. Algumas das leituras foram de obras de Frantz Fanon e Ivan Illich.

Tenho boas lembranças do Prof. Fernandes e suas palestras, tendo ficado particularmente impressionada, não só pelo conteúdo, mas também por seu rigor acadêmico. Ele vinha toda semana e sentava-se em um pequeno círculo com dez ou

Tradução – As concepções de desenvolvimento autônomo em Frantz Fanon e Ivan Illich – Marion Butle – p. 334-367

mais estudantes e lia suas palestras, que ele havia escrito por completo. As palestras foram finalmente publicadas em um livro *The Latin American in Residence Lectures*, Toronto, Universidade de Toronto, 1969-70, editado pelo Prof. Kurt Levy, um professor de ciências políticas. Percebi que eu e outro estudante de pós-graduação do curso ajudamos o editor com alguns comentários. Quando o Prof. Fernandes nos presenteou com uma grande liberdade de escolha dos tópicos para o trabalho do curso, decidi continuar aprofundando meu interesse em Frantz Fanon e Ivan Illich sobre desenvolvimento e escrevi argumentando que havia uma convergência de seus pontos de vista sobre o desenvolvimento autônomo.

Depois de um ano de conclusão de meu mestrado, meus interesses tomaram um rumo um pouco diferente. Acabei escrevendo minha tese de doutorado comparando as teorias da mudança na biologia, na psicologia e nas ciências sociais junto ao departamento de sociologia, mas com um comitê interdisciplinar. Dentre outras coisas, escrevi um artigo bastante citado, intitulado *Socialcultural Evolution: An Untried Theory*, apresentando a ideia de que a cultura e a organização social, não apenas os genes, “descendem com modificação” (“*descend with modification*”). Por exemplo, as línguas, pertencentes a cada uma das cerca de duzentas famílias de línguas, descenderam com modificações de uma língua ancestral comum. Ensinei na *University of Toronto*, na *University of Western Ontario* (agora *Western University*) e eventualmente retornei para a *University of Toronto* como Professora Associada, primeiro como Professora Titular e depois como Professora Emérita (aposentada), apesar de ainda estar ativa. Em 2010 também publiquei um livro pela Editora da Cambridge University, *Darwinian Sociocultural Evolution: Solutions to Dilemmas in Cultural and Social Theory*.

Reexaminando agora o *paper* que escrevi para o curso do Prof. Fernandes (do qual consegui encontrar uma cópia quando solicitada por Diogo Valença), minha memória mais egocêntrica é que ele tentou me dar uma nota 100, contra a qual outras instâncias de decisão se opuseram, então acabei com uma nota 90, o que foi bom para mim! Mas lendo o *paper* agora, acho que não mudaria em nada a substância: a autonomia para o desenvolvimento continua importante como sempre. Hoje a situação da pandemia (espero que a curto prazo), bem como as relações raciais e a crise climática a longo prazo são os problemas mais importantes com que todos nós nos deparamos.

Tenho plena confiança de que o Prof. Fernandes também concordaria com isso se ainda estivesse conosco.

AS CONCEPÇÕES DE DESENVOLVIMENTO AUTÔNOMO EM FRANTZ FANON E IVAN ILLICH

Marion Blute

Essas repúblicas bucólicas, que apenas defendem orgulhosamente os limites de sua vila contra as vilas vizinhas, ainda existem de forma bastante perfeita nas regiões noroestes da Índia, recentemente dominadas pelos ingleses. Não creio que se possa imaginar uma fundação mais sólida para o despotismo asiático estagnado. E por mais que os ingleses tenham irlandizado o país, a destruição daquelas formas primitivas estereotipadas era o *sine qua non* da Europeização (Karl Marx, Letter to Engels, June 14, 1853. In Shlomo Avineri, ed. Karl Marx on Colonialism and Modernization, New York, Anchor Books, 1969, p. 456).

[...] investimentos estrangeiros diretos das corporações estadunidenses... 1950-63... saída líquida de capital dos Estados Unidos de 17,4 de bilhões de dólares; a entrada de capital nos Estados Unidos de 29,4 bilhões de dólares... o desenvolvimento capitalista produziu inevitavelmente desenvolvimento num polo e subdesenvolvimento em outro. Os países capitalistas avançados e os países subdesenvolvidos não são dois mundos separados; eles são duas faces da mesma moeda de um único e mesmo mundo (Paul Sweezy, *The Future of Capitalism*, in David Cooper ed. The Dialectics of Liberation, Karmondsworth, Middlesex, Penguin, 1968, pgs. 105 and 103).

Para os anos 1970, estudos sobre os pré-requisitos do desenvolvimento indicam que políticas realistas de desenvolvimento, compatíveis com a meta de seis por cento já mencionada, deveriam dar origem a uma necessidade de recursos externos, incluindo tanto a ajuda oficial como o investimento privado, na ordem de magnitude de um por cento do PNB (Produto Nacional Bruto) dos países mais ricos... Para a maioria dos países mais desenvolvidos, isso exigirá nada mais que a continuidade das tendências recentes de crescimento no seu fluxo de ajuda e de capital privado para os países em desenvolvimento (L. B. Pearson et al. Partners in Development: Report of the Comission on International Development, London, Praeger, 1969, p. 18).

Esta cultura, uma vez viva e aberta ao futuro, se torna fechada, fixada no *status* colonial, capturada no jugo da opressão. Ao mesmo tempo presente e mumificada, ela testifica contra seus membros. Ela os define de fato sem apelação. A mumificação cultural conduz à mumificação do pensamento individual. A apatia tão universalmente percebida entre

povos coloniais nada mais é do que a consequência lógica dessa operação. A reprovação de inércia constantemente dirigida ao ‘nativo’ é completamente desonesta. Como se fosse possível para um homem evoluir de outra forma que não dentro dos quadros de uma cultura que o reconhece e que ele decide assumir. Assim, nós testemunhamos a configuração de instituições arcaicas e inertes funcionando sob supervisão do opressor e padronizada como uma caricatura das instituições outrora férteis (Frantz Fanon, Toward the African Revolution, New York, Grove Press Inc., 1967, p. 34).

[...] odiamos reconhecer o canto para o qual nossa imaginação tem sido empurrada... Subdesenvolvimento como um estado da mente, ou subdesenvolvimento como uma forma de consciência é a dimensão crítica... isso ocorre quando as necessidades básicas são formuladas como demandas por pacotes comerciais específicos, os quais foram desenhados para uma cultura rica. Subdesenvolvimento, nesse sentido, é um resultado extremo daquilo que chamamos na linguagem de ambos, Marx e Freud, ‘*verdinglichung*’ (coisificação) ou reificação... A única resposta factível para qualquer crescente subdesenvolvimento é uma compreensão alternativa das necessidades básicas, planejadas para as áreas de pouco capital (Ivan Illich, The Need for Counterfoil Research, discurso apresentado no Canadian Institute of Public Affairs, Couchiching, July 29, 1969. Publicado como Doc 69/159 pelo Centro Intercultural de Documentación (*sic*), Apdo 479, Cuernavaca, México, P 154/1/ Reimpresso com revisões como Outwitting the Developed Countries, New York Review of Books, Nov 6/69 pgs 20ff.).

INTRODUÇÃO

Essas cinco citações foram escolhidas para servir como quadro de referência na análise das diferentes teorias do desenvolvimento das assim chamadas nações “subdesenvolvidas”. A primeira delas pertence a Marx, a segunda, a um marxista contemporâneo e a terceira foi retirada do relatório Pearson¹, uma recente reafirmação da visão liberal clássica. Essas três citações são mais ou menos familiares e, por isso, serão discutidas brevemente. A quarta e quinta são de Fanon e Ivan Illich. Defendo a tese de que os dois últimos merecem uma consideração cuidadosa porque, apesar de seus diferentes enfoques geográficos, ambos chegaram surpreendentemente a

¹ O “relatório Pearson” foi apresentado em 15 de setembro de 1969 com o título de *Parceiros no desenvolvimento: relatório da Comissão para o Desenvolvimento Internacional*. A convite do então presidente do Banco Mundial, Robert S. McNamara, o ex-Primeiro Ministro do Canadá, Lester B. Pearson, coordenou a comissão responsável por avaliar os últimos vinte anos de assistência para o desenvolvimento e projetar diretrizes futuras. Segundo Howard White (2001, p. 1201), as principais recomendações do relatório Pearson apontavam a necessidade de um sistema livre e equitativo de comércio internacional e promoção do investimento privado estrangeiro [nota do tradutor]. WHITE, Howard. Pearson Commission. In R. J. Barry Jones, *Routledge encyclopedia of international Political Economy*, London and New York, Routledge, 2001, p. 1201.

conclusões semelhantes e, juntos, acrescentam algo de novo e de valor ao conjunto do debate.

Marx foi claramente um apoiador do imperialismo. É de pouco significado que seus contemporâneos do século XIX tenham racionalizado o autointeresse econômico como um “fardo do homem branco”, enquanto o próprio Marx acreditava que a sociedade burguesa devesse ser criada no mundo não europeu, antes de poder ser superada. As consequências eram idênticas. Ambos enxergavam com satisfação a extensão do imperialismo europeu em direção a qualquer um ou todos os povos não europeus do planeta. Engels celebrou a conquista da Argélia observando que “depois de tudo, o burguês moderno, com civilização, indústria, ordem e ao menos o relativo esclarecimento que o acompanha, é preferível ao senhor feudal ou ao saqueador, pertencentes ao estado de barbárie da sociedade” (Engels, 1848).

Marx pode nunca ter afirmado especificamente que o “antigo” modo de produção – aquele modo pré-capitalista que continha potencial de desenvolvimento – estava confinado à Europa. Tampouco ele afirmou especificamente que o modo “asiático” – aquele modo pré-capitalista caracterizado como repetitivo, ossificado e sem história – dominou todo o mundo não europeu. Suas descrições deste último estavam circunscritas à Índia e China. Não obstante, a impressão geral é a de uma imaginação que, embora avançada em relação ao pensamento de sua época em muitas questões, foi etnocêntrico, ou melhor, eurocêntrico, como seus contemporâneos ao tratar do assunto específico do desenvolvimento não europeu.

Especialistas podem comparar textos anteriores e posteriores para saber se Marx tinha consciência do parâmetro basicamente ocidental de seu pensamento ou se ele acreditava ter desenvolvido uma teoria da história válida universalmente. As teorias de Marx sobre a ausência da propriedade privada da terra na Ásia e as tentativas de Engels de explicação pelo clima podem ser de interesse para estudiosos de sua obra. Mas basta apenas perceber o modo como os eventos na Índia ou em outro lugar são relevantes para Marx, apenas em termos de suas consequências para a política europeia, para ver o quanto acadêmicas são tais questões. Os escritos específicos de Marx sobre colonialismo e modernização são significativos hoje, apenas na medida em que eles tipificam séculos de postura dos estudiosos e políticos europeus em relação aos povos não europeus. Onde havia evidência prontamente disponível das conquistas técnicas, sofisticação, diversidade, complexidade e integridade das culturas não europeias, tal

Tradução – As concepções de desenvolvimento autônomo em Frantz Fanon e Ivan Illich – Marion Butle – p. 334-367

evidência foi ignorada. Onde tais culturas foram examinadas, foram tidas como irrelevantes. E onde elas resistiram, foram destruídas.

Dito isso, contudo, deve ser notado que alguns aspectos dos escritos de Marx sobre o colonialismo são ainda hoje de interesse. Sua análise, por exemplo, do modo como o colonialismo britânico se vinculou à exploração da classe trabalhadora britânica é relevante para as discussões atuais sobre se o neocolonialismo em geral beneficia as classes trabalhadoras nas sociedades avançadas, ou se tais classes estão pagando pelos programas de ajuda, pelas importações subsidiadas etc., cujos lucros são acumulados nas corporações multinacionais. Além disso, a visão mais ampla de Marx sobre a mudança social, caracterizada como produto da atividade consciente dos homens, seria mais relevante, hoje, para a situação das nações dependentes. Não obstante, permanece verdade que, apesar de ter utilizado o termo “irlandizado” (*hibernicized*)² para descrever os efeitos do colonialismo sobre as culturas indígenas, Marx parece nunca ter examinado detidamente as implicações de sua descrição. Segundo meus conhecimentos, esse tema só será aprofundado posteriormente por Fanon.

A segunda citação representa a visão de um marxista contemporâneo. Ela não faz justiça, certamente, à complexidade e variedade das teorias do imperialismo que emergiram da tradição marxista desde Lênin. A citação resume, entretanto, o sentido de todas essas teorias de duas maneiras. Primeiro, defende que desenvolvimento e subdesenvolvimento devem ser vistos como interrelacionados e definindo mutuamente processos ocorrendo simultaneamente. Em segundo lugar, enfatiza a extração de recursos materiais como sendo um fator decisivo de solapamento da iniciativa de desenvolvimento das nações não europeias.

A terceira citação representa a visão liberal com a qual estamos mais familiarizados. Novamente, ela não faz justiça à complexidade e matizes de opiniões dentro dessa tradição. Variações modernas desta tradição incluem economistas tais como Rostow, que enfatiza estágios de crescimento econômico, aqueles que destacam

² A expressão utilizada por Marx, tal como citada no início do *paper* de Marion Blute, se encontra numa carta enviada a Engels em 14 de junho de 1853, na qual estava se referindo à invasão colonialista da Índia: “E por mais que os ingleses tenham irlandizado o país, a dissolução dessas primitivas formas estereotipadas era o *sine qua non* da europeização”. O termo se refere, nesse sentido, aos efeitos destrutivos da colonização inglesa da Irlanda e foi generalizado para significar dominação colonialista, envolvendo pilhagem e trabalho forçado. É certo que Marx estava mais familiarizado com o colonialismo inglês na Irlanda e, por isso, suas referências a outros povos levam em conta seus conhecimentos do caso irlandês. [nota do tradutor]

padrões variáveis de diferenciação social como Smelser e aqueles da tradição *weberiana* que abordam a presença/ausência dos valores modernizantes. A diversidade de ações alternativas, propostas para o assim chamado “planejamento de assistência ao desenvolvimento” (*development assistance planning*), são aqui ainda mais variadas, com as modas de transferência de capital, de transferência de habilidades e de desenvolvimento institucional (*institution building*)³ chegando e partindo. Certos padrões comuns aderem, contudo, à diversidade dessa tradição liberal.

O subdesenvolvimento é considerado como o destino mais ou menos normal, ou originário da humanidade, do qual a Europa ocidental escapou por uma combinação incomum de fatores. Desde então o “desenvolvimento” passou a ser exportado para algumas outras áreas geográficas via migração populacional ou pela transferência de capital, habilidades, tecnologia, instituições e valores. As divisões no interior da tradição liberal-conservadora conduzem a uma variedade de níveis de consciência do imperialismo. Eles podem considerá-lo somente como uma realidade restrita à expansão imperialista (*empire building*) do século XIX, um registro característico de toda história passada até então. Ou eles podem concordar com Schumpeter que se tratou realmente de uma aberração da racionalidade capitalista. De qualquer forma, ninguém o considera como a variável crítica que conduz, no final, ao desenvolvimento num local e o subdesenvolvimento em outro. Para eles, trata-se meramente de uma tarefa que permanece incompleta. As pressões populacionais, em particular, atuam contra o desenvolvimento espontâneo em qualquer lugar. No curto prazo, o progresso depende da continuidade das transferências do mundo industrializado, associada ao desejo daqueles envolvidos na adoção das mudanças necessárias, até o momento em que um patamar de crescimento autosustentável tenha sido alcançado. Depois disso, seria uma escalada lenta, mas firme, até que a reconstrução do mundo esteja completa. Em suma, eles encaram a questão como uma repetição do problema da acumulação primitiva de

³ A expressão *institution building* foi traduzida como “desenvolvimento institucional”, pois esse foi o uso mais encontrado nos trabalhos de administração pública das décadas de 1960 e 70 no Brasil. Duas outras possibilidades seriam a de “construção institucional” ou “institucionalização”. No entanto, como estavam em voga na época, fins dos anos 60, os pacotes/programas de promoção do desenvolvimento, exportados das nações desenvolvidas para as nações subdesenvolvidas, a tradução “desenvolvimento institucional” pareceu mais adequada por indicar explicitamente essa vinculação histórica. Acreditava-se então que, com a transferência de capitais, de habilidades e conhecimentos institucionais, as nações subdesenvolvidas, “atrasadas”, iriam superar seus limites culturais e alavancar seu crescimento econômico. Trata-se de uma visão etnocêntrica, atuante ainda hoje nos meios acadêmicos e nos discursos políticos, que toma os países desenvolvidos como modelo ideal a ser alcançado pelas nações subdesenvolvidas. [nota do tradutor]

capital na Europa Ocidental. Eles não possuem consciência do fato segundo o qual, desde que o desenvolvimento já ocorreu em muitos lugares, as circunstâncias globais em que o desenvolvimento deve ser alavancado (isto é, a economia internacional) foram tão alteradas que, de fato, teve início uma situação totalmente diversa.

As quarta e quinta citações são de Fanon e Illich. Parece, à primeira vista, que os dois aparentam ter pouco em comum. O primeiro foi um psiquiatra e o último é um filósofo da educação. O primeiro nasceu negro, numa colônia de fala francesa, tendo sido adotado como cidadão na Argélia. O último foi um intelectual europeu, residente mais tarde em Porto Rico e agora no México. O primeiro escreveu principalmente sobre a descolonização na África e o último escreve particularmente sobre a educação na América Latina. No entanto, a história das ideias já permitiu combinações inusitadas. É nesse sentido em que acredito os dois possuírem algo em comum.

Fanon estava preocupado com as relações entre escravos e senhores, negros e brancos, colônias e metrópoles, as quais seriam, no entanto, simplesmente diferentes manifestações da relação mais fundamental entre dominação e dependência. Illich está preocupado com as relações de classe, com uma elite consumista e com a massa marginal nas nações independentes da América Latina, bem como com as relações entre essas nações e as potências metropolitanas, principalmente os Estados Unidos. Mas essas também são diferentes manifestações da categoria mais fundamental das relações entre dominação e dependência. Ambos estão preocupados com a mudança dessas relações, isto é, Fanon se interessa pela descolonização e Illich pelo desenvolvimento. Além disso, eles chegam a conclusões muito similares. Suas explicações causais não diferem daquelas do marxismo, pois ambos veem o subdesenvolvimento como produto do desenvolvimento. Contudo, eles enriquecem essa visão enfatizando as consequências culturais e psicológicas das relações de dominação, não apenas econômicas. Ademais, cada um afirma à sua maneira que a mudança (descolonização ou desenvolvimento) será possível apenas quando for autenticamente autônomo (*autochtnous*)⁴ e que cada indivíduo deve atuar ativamente no seu movimento de autoemancipação. Se formos pacientes o bastante para pesquisar minuciosamente como eles chegaram a essas conclusões em seus próprios contextos, acredito que a relevância de ambos ficará evidente para a América Latina hoje.

⁴ A tradução direta seria “autenticamente autóctone”, porém resolvi traduzir como “autônomo” para se adequar melhor aos termos da literatura sociológica sobre desenvolvimento no Brasil. [nota do tradutor]

FRANTZ FANON

Fanon foi um dos teóricos do século XX mais difíceis, ecléticos, influentes e pouco comuns. Pouco comum porque ele era um polemista que escrevia como um poeta. Influente, porque seu pensamento (grosseiramente distorcido como libertação psíquica pela violência) tem sido apropriado por revolucionários ao redor do mundo. Eclético e difícil porque sua análise do colonialismo incorpora tradições tão diversas como a psicanálise, a literatura francesa, a literatura colonial da *Négritude*, ideologias revolucionárias incluindo a Marxista; além disso, combina elementos de todas elas de uma maneira nova e prolixa por vezes inconsistente. Como interpretar o pensamento de um homem que nos diz ao mesmo tempo: “Quero que minha voz seja rude. Não quero que ela seja bela. Não quero que ela seja pura, não quero que ela tenha todas as dimensões” (FANON, 1967b, p. 49) e “Eu não confio na paixão⁵. Toda vez que ela estourou em algum lugar, ela trouxe fogo, fome, miséria... E desprezo para o homem” (FANON, 1967a, p. 8)?

Além dos problemas criados por uma polêmica superficial e pelas raízes intelectuais divergentes, a prolixidade e inconsistências de estilos e substância, um entendimento adequado requer familiaridade com o contexto histórico do colonialismo francês e mais informação das que estão prontamente disponíveis sobre a curta, trágica e turbulenta vida de Fanon.

Tentar impor uma consistência artificial sobre todos os seus escritos seria um equívoco. Mas tratar os quatro volumes como não relacionados ou como estágios, o “jovem” Fanon, o “velho” Fanon etc., no qual o último seria tomado como definitivo, também seria igualmente um erro. Há uma contínua “reconceituação” (uma palavra e processo importante para Fanon no desenvolvimento das psiques individuais e das sociedades) das primeiras experiências à luz dos últimos acontecimentos. De qualquer maneira, no geral os primeiros estudos de caso psiquiátricos, os ensaios sociológicos e literários são os dados originais sobre os quais as assertivas generalizantes de *Os condenados da terra* estão fundadas.

⁵ Na tradução brasileira de *Black skin, white masks*, a palavra *fervor* foi traduzida por “entusiasmo”. Aqui resolvi traduzir como “paixão”, no sentido de se referir à violência passional. Cf. Frantz Fanon, *Pele negra, máscaras brancas*, Salvador, EDUFBA, 2008, p. 27. [nota do tradutor]

A presente discussão sobre Fanon se desdobra a partir de duas perspectivas interessantes. A ênfase é sobre Fanon como um teórico do desenvolvimento. A organização reflete Fanon como sociólogo. Como um sociólogo, ele considera o inteiro conjunto dos fenômenos estudados pela disciplina. Ele considera a estrutura e a cultura de uma sociedade colonial, sua personalidade social, bem como o processo e potencialidade de mudança no seu interior.

A primeira palavra-chave que Fanon utiliza para descrever a sociedade colonial é “maniqueísta”. No seminário descrevi a maneira pela qual essa palavra emergiu primeiramente em *Pele negra, máscaras brancas* e como ela foi empregada em *Os condenados da terra*, sugerindo uma absoluta separação entre bom e mau, branco e negro. Descrevo o modo pelo qual Fanon justifica sua utilização, ao indicar o caráter bipolar das instituições e grupos – por exemplo, a maneira pela qual o *status* de “doutor” na Argélia estava atravessado por um inteiro complexo de outros *status*⁶ (*statutes*), todos conectados a seu papel como colonizador. Ressaltei que Fanon utiliza isso como uma metáfora mestra mais do que como uma descrição literal da sociedade colonial, refletindo ao mesmo tempo seu talento literário bem como uma empatia e gênio similar àquele de Marx, o qual também sabia sentir e comunicar, a partir de sua essência, o peso de todo um sistema particular de estratificação. Visto que se trata de uma maneira muito particular de Fanon em apresentar um sistema de estratificação bipolar, irei aqui tratar rapidamente apenas daqueles aspectos de seu pensamento mais diretamente relevantes para compreender sua concepção de desenvolvimento.

O segundo tema que atravessa suas observações sobre a sociedade colonial é o modo como a colonização mumifica e destrói as potencialidades autóctones para a mudança, crescimento e desenvolvimento de qualquer tipo. Aqui a breve referência de Marx à “irlandização” (*hibernicized*) será elaborada. A citação de Fanon no início deste texto descreve esse processo, bastante central em todos os seus escritos. Como uma metáfora maniqueísta, o diagnóstico da mumificação não é empregado casualmente, teatralmente. *Studies in a dying colonialism* [Estudos num colonialismo agonizante] descreve as consequências desse processo de mumificação numa variedade de instituições e grupos na Argélia. Fanon observa:

⁶ No original consta o plural em inglês *statutes*. No entanto, em português a palavra é derivada da quarta declinação latina, *status*, com final em *-us*, na qual o singular e plural são idênticos. Por isso a repetição acima da mesma palavra no singular e plural. [nota do tradutor]

O grupo dominante chega com seus valores e os impõe com tal violência que a própria vida do colonizado pode se manifestar apenas defensivamente, de uma maneira mais ou menos clandestina. Em tais condições, a dominação colonial distorce as relações intensas que o colonizado mantém com sua própria cultura. Num grande número de casos, o cultivo da tradição é um cultivo distorcido (FANON, 1965, p. 130).

Ele assim o ilustra belamente numa discussão do lugar das mulheres na sociedade argelina. Presas pela tradição, limitadas a seus lares, cobertas⁷, seu papel como esposa e mãe foi tão rigidamente definido que seria uma desgraça para elas estabelecer um diálogo face a face mesmo com seus próprios pais após a maturidade. As culturas de todos os povos apresentam algumas de tais características negativas ao lado de forças contraditórias, as quais tendem a recortá-las e torná-las abertas à mudança. Mas a colonização congela tais valores (*mores*) e padrões de autoridade existentes e transforma tais características negativas em formas reacionárias de comportamento com um universo completo de recalques em torno delas. Quanto mais fortemente o chefe europeu se esforça para fazer com que seu empregado traga sua esposa descoberta para as celebrações do escritório, maior será a determinação argelina para manter sua esposa coberta e prevenir seu estupro simbólico (FANON, *Colonialism*, cap. 1).

Fanon aqui identifica uma característica penetrante das relações de dominação numa sociedade colonial, a qual tem sido reconhecida há muito tempo na esfera das instituições políticas. Nas áreas do Sudão ocidental colonizadas pelos britânicos, por exemplo, apenas um oficial do distrito administrava as grandes províncias governando por meio do emir islâmico. Assim fazendo, eles enrijeciam o padrão de autoridade ainda instável e muito recentemente introduzido, criado pela conquista dos sedentários Hausa pelos nômades Fulani⁸. Essa rigidez de tipo feudal, mantida pelos britânicos, se tornou tão ossificada que permaneceu após ter sido alcançada a independência política formal e a ruptura em direção à modernidade nela representada tem sido desde então as raízes dos problemas políticos da Nigéria. De qualquer modo, Fanon chama nossa atenção em

⁷ A palavra inglesa *veiled* foi traduzida como cobertas. Aqui a autora está fazendo uma referência direta aos véus utilizados pelas mulheres islâmicas. Os véus islâmicos possuem uma variedade de formatos, de acordo com as regiões, países, religiões e tradições locais. Na Argélia os nomes mais comuns para o véu islâmico são o *chador* ou o *yihab*. [nota do tradutor]

⁸ Os Hausa e Fulani são dois grandes grupos étnicos do Sudão. De raízes islâmicas, esses dois grupos hoje estão bastante integrados. É importante notar como o colonialismo desenvolveu a questão étnica como um dos meios de impor sua própria dominação. [nota do tradutor]

relação a esse fenômeno, indo além das instituições políticas, para o conjunto total de seus componentes culturais.

A ironia dessa situação é que tal esclerose infligida à cultura torna difícil para os colonizadores introduzirem mudanças que eles gostariam e para os colonizados aceitarem tais mudanças onde eles poderiam retirar algum proveito. Aqui a análise de Fanon (*Colonialism*, cap. 4) está fundamentada em sua experiência prática como médico estrangeiro na Argélia. A resistência às práticas médicas e medidas de saúde pública, com a qual se deparou, é típica da experiência de outros tentando introduzir mudanças num contexto de dominação. As consequências imediatas são trágicas ou, de fato, frequentemente fatais; mas elas ilustram para Fanon uma compreensão sofisticada da situação total por parte dos colonizados. “A verdade objetivamente expressa é constantemente deturpada pelo liame da situação colonial” (*Colonialism*, p. 128).

Como veremos ao discutir a personalidade colonizada, tais relações de dominação mumificam a cultura dos dominados numa das duas maneiras pelas quais a situação é internalizada. No contexto latino-americano, a concepção de Fanon pode ser muito útil, proporcionando um novo modo de olhar, por exemplo, as formas sobreviventes de organização social entre os índios andinos⁹ ou os diversos aspectos remanescentes dos cultos religiosos Iorubás entre os descendentes dos escravos traficados da África¹⁰. Essa perspectiva ajuda a conceber igualmente de modo original a diferença entre as formas pré-capitalistas de organização agrícola na Europa, que persistiam em formas vivas talvez adaptadas às formas e relações de produção existentes, mas de fato eventualmente superadas; quando transferidas para a América Latina num contexto colonial, tais formas pré-capitalistas se perpetuaram de maneira arcaica e quase imutável. Mas, acima de tudo, isso sublinha a futilidade das estratégias burguesas de desenvolvimento na América Latina. Os dominados inevitavelmente resistirão às mudanças liberais instigadas pelo dominador, quer estejamos falando do índio andino, do oficial dos programas de extensão agrícola ou do planejador

⁹ A expressão em voga mais atualmente seria a de “povos originários”. Nas ciências sociais das décadas de 1960 e 70, no entanto, ainda era muito comum a utilização do termo índio ou indígena. [nota do tradutor]

¹⁰ Na perspectiva de Fanon, o olhar colonialista perverte, perturba, distorce, reifica e trata como exótica as culturas dos dominados/colonizados, uma forma de violência no plano simbólico da cultura que traz graves consequências para a personalidade do colonizado. Como bem nos sinaliza Marion Blute, a novidade de Fanon seria a tentativa de recuperar a autonomia cultural como fundamento para um processo de desenvolvimento original e autóctone, pensado pelo colonizado e a partir de suas próprias realidades. [nota do tradutor]

econômico do governo e do conselheiro da USAID. Além disso, embora essa resistência possa ser autodestrutiva a curto prazo, não é apenas uma reação normal, mas uma reação racional diante da situação total.

A discussão de Fanon sobre a personalidade colonizada é difusa, dispersa e de múltiplos níveis. Sob a dispersão, no entanto, pode ser observada uma consistência no seu delineamento geral. Primeiro, pode-se dizer que não há confusão quanto à direção da causalidade. No início de *Os condenados da terra* ele observa, às vezes um tanto confusamente, que “o colonizador tem razão quando fala em conhecê-los (os nativos) bem, pois fora o colonizador que trouxe o nativo à existência” (FANON, 1968, p. 36). Em outras palavras, a estrutura social criada pelos colonizadores produz um padrão típico de personalidade entre os colonizados. Fanon consistentemente sempre enxerga a personalidade como um produto da cultura e das instituições sociais.

Em segundo lugar, pode-se dizer que esse padrão típico de personalidade seria patológico ou, no mínimo, neurótico. Em geral, o universo psíquico do homem colonizado como ele [Fanon] o descreve é tão maniqueísta quanto o universo social que ele [o homem colonizado] habita. Em terceiro lugar, ele não constrói um tipo ideal único desse padrão de personalidade patológica, mas concebe-a de formas diversas a depender das circunstâncias históricas específicas de cada colônia particular.

Naturalmente surgem então dois tipos ideais, um baseado em suas observações na Martinica e o outro em suas observações na Argélia. O primeiro tipo é realmente uma sucessão de etapas antes que um tipo propriamente dito (*per se*). Os estágios são desenvolvidos paralelamente em três níveis; como desenvolvimento de sua própria personalidade (principalmente em *Máscaras*, Cap. 5); como desenvolvimento de qualquer psique “inferiorizada” sob condições históricas similares às de Martinica (principalmente em *Revolução*, pgs. 38 a 44); e como a própria história da Martinica (principalmente em *Revolução*, pgs. 17 a 27). Em vez de tentar resumir esses estágios e níveis, um esboço rudimentar é apresentado no quadro abaixo. Pode-se ver a partir desse esboço que o primeiro tipo ideal de personalidade dominada construída por Fanon é aquela que passa por uma sucessão de etapas começando pela identificação completa com o colonizador; seguido pelo reconhecimento de seu *status*, a revalorização de sua

própria cultura e a decisão revolucionária e catártica¹¹ (*healing*) para agir. A realização dessa quarta etapa permite uma reelaboração tanto de sua própria cultura quanto da cultura dos colonizadores, resultando na construção de uma sociedade na qual o desenvolvimento autóctone se faz possível.

Personalidade Colonizada (Tipo I)

Atitudes do colonizador	Personalidade do colonizado	História de Martinica	Desenvolvimento pessoal de Fanon
- negação total - eles não possuem cultura	- <u>identificação</u> com o colonizador é completa - ele tenta se desracializar pela assimilação - “grande erro branco” - “O Índio Ocidental era um homem preto, mas o Negro estava na África”	- pré 1939: escala de cores ao invés de dois grupos raciais distintos. Martinica atuou no serviço civil colonial e nas unidades europeias nos exércitos territoriais	“nossos ancestrais os Gauleses”
- mas eles (como indivíduos) podem ser humanos - certo banal primitivismo	- o <u>reconhecimento</u> de sua posição porque, apesar da assimilação acima, ele é ainda discriminado pode levar a igualar racismo com ignorância individual ou malevolência, ou pode conduzir diretamente à	Segunda Guerra Mundial: influxo de milhares de homens franceses, especialmente soldados, que em geral eram abertamente racistas	“Minha suposta inferioridade? Uma farsa da qual era melhor rir. Eu tinha incisivos para usar. Eu sabia que eles eram fortes”
- hierarquia das culturas, i. e., racismo cultural	- <u>revalorização</u> da <u>própria cultura</u> - tentativa de “cultivar” a cultura - o equivalente	- Queda da França, especialmente o bloqueio da maior parte da frota francesa nas Índias Ocidentais	“Eu tinha racionalizado o mundo e o mundo tinha me rejeitado com base no preconceito de cor. Desde que

¹¹ No original se encontra *healing*, traduzido mais literalmente por “curativo”. No entanto, considerei mais apropriado o termo catártico, pois a noção de *catarse* se aproxima mais dos propósitos de Fanon, quais sejam, a de libertação de sentimentos ou emoções reprimidos no caso da psique do colonizado. Acredito também que o termo *catarse* possui mais relação com o momento agônico de um processo revolucionário anticolonial. [nota do tradutor]

	<p>psiconalítico dessa sobrevalorização da própria cultura é a ânsia por perdão</p> <ul style="list-style-type: none"> - “grande espelho negro” - a consequência comum é retroceder a “posições arcaicas sem relações com o desenvolvimento técnico”, i. e., a própria cultura não é reconcebida - objetivamente irracional, mas a significância subjetiva é imensa porque 	<p>- Negritude, poesia de Césaire, Diop, Senghor etc.</p>	<p>nenhuma concordância seria possível no nível racional, eu recuei para o irracional. Foi por conta do homem branco ser mais irracional do que eu. Fora das necessidades da minha luta eu tinha escolhido o método da regressão, mas permaneceu o fato que era uma arma desconhecida; aqui estou em casa; sou feito do irracional; vago pelo irracional. Até o pescoço no irracional. E agora como minha voz vibra”.</p>
- apelos à assimilação	<ul style="list-style-type: none"> - a decisão é tomada para agir - ele está liberto de sua patologia, então um novo homem é criado nesta fase - capaz de “reconceber” sua própria cultura e a do colonizador 	<p>1943: o exército local se insurgiu e libertou a colônia para a França livre (supostamente o primeiro passo para a revolução)</p>	<p>“O que está para ser feito é tornar o homem livre”.</p>
- relativismo cultural	<ul style="list-style-type: none"> - daqui se segue que a personalidade social de uma sociedade socialista estará liberta da neurose sistemática 	<ul style="list-style-type: none"> - a revolução irá resultar numa sociedade socialista 	

O segundo tipo ideal de personalidade emerge numa sociedade como a Argélia, na qual o fenômeno da identificação é impossível. Nesta situação, o desejo fundamental de uma personalidade dominada é a completa destruição do dominador; em outras palavras, não que a agressão tenha fim, mas que ele [o dominado] se transforme no agressor. Esses desejos agressivos são, no entanto, reprimidos. Eles são reprimidos porque são fisicamente perigosos. Agir seria convidar à destruição. Eles são reprimidos também porque ameaçam o próprio “eu” (*ego-threatening*). Em outras palavras, se alguém permitisse que sua relutância de agir por medo emergisse ao nível consciente, isso ameaçaria sua imagem de si mesmo como homem. A fonte do medo pode ser então falsamente identificada com espíritos malignos, mitos e feitiçarias.

Esses desejos agressivos podem ser deslocados de diversas maneiras. Primeiro, eles são dirigidos ao seu próprio povo. A luta, o crime e o assassinato tornam-se lugares comuns. Seria assim aparentemente nas *favelas* latino-americanas como também nos *townships* (periferias) da África do Sul¹². Na África, essa agressão deslocada seria tomada tipicamente como demonstrações de destreza muscular, de homens fortes nos mercados, de comportamento volátil, de danças extasiantes e de disputa tribal¹³. Com efeito, um único estágio de agressão intensa, mas deslocada, nesse segundo tipo ideal [de personalidade colonizada], substitui as duas primeiras etapas [ou níveis] do primeiro tipo ideal [de personalidade colonizada].

¹² O termo *favelas* se encontra no original em inglês e os *townships* (subúrbios) representavam as regiões mais periféricas das cidades sul-africanas, na qual habitavam os trabalhadores negros, segregados pelo regime do *apartheid*. Um dos grandes exemplos de *townships* seria Soweto, cidade que surge como periferia de Joanesburgo, polo industrial da África do Sul. [nota do tradutor]

¹³ Aqui a autora trabalha conceitualmente com as atitudes dos colonizadores, tais como descritas em sua caracterização típico-ideal da personalidade do colonizado no quadro “Personalidade Colonizada (Tipo I)”, construído a partir dos escritos de Frantz Fanon. O tipo-puro de colonizador mais “benevolente” acredita em certo “primitivismo banal” dos colonizados: “eles (como indivíduos) podem ser humanos”. A lógica das aparências atuante no propósito de dominar a cultura do colonizado – ossificada/mumificada pelos mecanismos perversos e desumanizadores do colonialismo – alimenta a tentativa de explicar, por parte do colonizador, a “violência” e a “agressividade deslocada” pelos estereótipos negativos alimentados pela própria situação colonial. Esses estereótipos aproximam os colonizados da animalidade, representando-os como primitivos, daí as menções à força física e à sensualidade sexual serem uma constante dos discursos legitimadores do colonialismo/imperialismo. Na verdade, a violência do colonizado contra si próprio, no momento de autonegação, e contra o colonizador no seu processo de descoberta de si mesmo, resulta das relações de dominação colonialista/imperialista, essas últimas a fonte de sua agressividade. A visão de Fanon nos aponta, contudo, que se pode ir além e perceber na cultura do colonizado uma dimensão crítica que lhe permite pensar o processo de descolonização como autolibertação. Em certo sentido, podemos dizer que Fanon opera com uma distinção semelhante à de Marx entre essência e aparência. A expressão inglesa *tribal feuding* foi aqui traduzida como “disputa tribal”. Mantivemos o uso original, pois o termo tribo ainda estava bastante em voga na antropologia de então, tendo hoje recebido diversas críticas. [nota do tradutor]

Sem ir muito longe, muito se poderia especular interminavelmente aqui sobre como os diferentes padrões de dominação externa e interna na América Latina vem sendo traduzidos, histórica e presentemente, em personalidade social. Os negros brasileiros, por exemplo, vivendo em uma sociedade caracterizada pelo espectro de cores, na qual se sofre o processo de branqueamento por meio do casamento interracial, provavelmente se assemelhariam ao primeiro tipo-ideal de Fanon; exibindo a atitude típica dos martinicanos de identificação com a brancura e aspiração ao branqueamento¹⁴. Os índios andinos, por outro lado, embora não se distingam racialmente dos mestiços, apegam-se à sua identidade cultural (*cultural apartness*)¹⁵ e exibem orgulhosamente seus chapéus, que os distinguem dos demais. Poderíamos esperar que sua atitude seja mais parecida com a do segundo tipo-ideal de Fanon. Mas poderíamos ir mais além. Que tipo de neurose é gerada nos proprietários rurais por sua dependência da classe urbana comercial? Que função desempenham os vários padrões de dominação na produção da fala consciência de ideologias políticas irrealistas? O machismo entre alguns grupos seria resultado de uma agressão reprimida deslocada contra as mulheres?

Além de sua discussão sobre sociedades coloniais e personalidades colonizadas, Fanon também analisa em grande medida as mudanças sociais ou a descolonização. Os críticos marxistas muitas vezes só concordam com Fanon até este ponto. Aqui eles argumentam que há uma inversão da determinação causal (*causal arrow*) entre uma situação de dominação, produtora de personalidades neuróticas, e uma personalidade autoliberada que destrói a relação de dominação (Ehrenreich, 1967, p. 36). Nunca fui capaz de entender tais críticas. Fanon, muito claramente, não sustenta que a libertação individual sempre antecede a mudança social. Pelo contrário, a independência nacional e, cada vez mais ele sugere, o socialismo são as condições necessárias para que uma sociedade colonial não deva gerar *sistematicamente* personalidades neuróticas e

¹⁴ A influência dos movimentos negros alterou muito a realidade histórica. Se até meados ou fins da década de 1950 a ideologia do branqueamento exercia ainda uma influência deletéria muito forte sobre o povo negro, essa situação se altera com a valorização da *negritude* que ocorre com a atuação do Teatro Experimental do Negro de Abdias Nascimento e, depois, com o surgimento do Movimento Negro Unificado em fins dos anos 70. Isso não nega os retrocessos que estamos vivenciando, como no caso da nomeação do presidente da Fundação Palmares pelo atual governo federal, que assume de forma violenta as posições ideológicas das elites brasileiras em matéria de questão racial. [nota do tradutor]

¹⁵ A tradução exata não seria “identidade cultural”, mas talvez algo como “singularidade cultural”. No entanto, optei por identidade para nos aproximarmos mais do vocabulário antropológico contemporâneo. [nota do tradutor]

patológicas. Várias referências com ênfases variadas poderiam ser citadas. Talvez sua posição aqui possa ser resumida observando que, para ele, essas distinções psicológicas e sociológicas absolutas eram, de certa forma, irreais. A libertação em uma base de massas, argumentaria ele, não seria possível para toda uma sociedade que foi sistematicamente “inferiorizada”. Mas a libertação está sempre potencialmente ao alcance do indivíduo, o qual poderá se servir ou não de sua recém-descoberta integridade de maneira revolucionária ou, ao menos, política. Isso me pareceria ser inteiramente coerente com a tradição marxista. A mudança social é uma atividade consciente do homem. Se a ideologia dos dominantes fosse sempre, em qualquer lugar totalmente determinante da consciência do dominado, a verdadeira consciência e, portanto, as revoluções nunca poderiam se efetivar.

Um segundo aspecto da perspectiva de Fanon sobre as mudanças sociais, o qual deve ser discutido, seria a extensão da centralidade da violência na sua teoria. Isso deve ser discutido, não necessariamente por seu interesse intrínseco ou pela forma como o assunto tem sido interpretado, mas porque sobre essa discussão se assenta, acredito, a sua tese de que o indivíduo deve estar envolvido em sua própria libertação.

O primeiro capítulo de *Os condenados da terra* muitas vezes parece estar glorificando a violência. Pela leitura deste capítulo, Fanon é geralmente interpretado pela afirmação de que a psique colonizada, por atos criativos de violência, é liberada de seu complexo de inferioridade e, reintegrada, constrói um novo mundo. Mas, olhar esse capítulo isolado do restante de sua obra, inclusive o restante deste mesmo livro, seria enganoso. Na verdade, eu sustentaria que esta é uma interpretação extremamente equivocada. Fanon rejeita claramente a violência como terapia e, em apoio a este ponto de vista, ofereço as seguintes evidências. De fato, ele condena aqueles de seus compatriotas que “se lançaram numa ação revolucionária com (uma)¹⁶ brutalidade quase fisiológica” (*Colonialism*, p. 25). Embora reconheça que um revolucionário deva ser necessariamente obstinado, ele faz uma advertência:

Há aí uma brutalidade de pensamento e desconfiança quanto às sutilezas que são típicas das revoluções; mas há também outro tipo de brutalidade que é surpreendentemente semelhante à primeira e que é tipicamente antirevolucionária, perigosa e anárquica. Essa brutalidade indiferenciada

¹⁶ Os parêntesis foram acrescentados pela autora no texto original, para incluir na citação extraída de Fanon o artigo indefinido *an* no idioma inglês. [nota do tradutor]

e total, se não imediatamente combatida, leva invariavelmente à derrota do movimento em poucas semanas (*Wretched*, p. 147).

Ainda mais, ele enfatiza a forma como a violência brutaliza não só as vítimas, mas também os opressores. Ele observa o aumento dos índices de insanidade entre a polícia argelina (*Revolution*, p. 66) e menciona o perigo para a França do retorno dos sádicos do exército colonial (*Colonialism*, p. 40).

Muitos de seus estudos de caso documentam as consequências psíquicas desastrosas que os atos brutais têm para seus perpetradores. Um revolucionário, que plantou uma bomba matando dez pessoas, tentava o suicídio anualmente na data em que havia recebido suas instruções (*Wretched*, p. 253). Outro rapaz, cuja mãe havia sido assassinada por um soldado francês, mais tarde assassinou uma mulher francesa e foi assombrado por uma aparição confusa da sua mãe como se tivesse sido sua vítima (*ibid.*, p. 261). Fanon descreve um incidente quando um policial e um ex-prisioneiro, que ele [o policial] havia torturado, se encontraram na mesma ala psiquiátrica onde ambos eram pacientes. O ex-prisioneiro tentava o suicídio enquanto o policial era lançado numa crise de ansiedade (*ibid.*, p. 264). Fanon tinha, ao mesmo tempo, uma compreensão racional e um profundo horror dos efeitos de tal brutalidade. Como psiquiatra, ele claramente negava uma teoria do valor terapêutico geral da violência para o indivíduo.

A questão do papel da violência em sua teoria do social como oposta à mudança psicológica pode ser uma questão mais complexa. Fanon era um nacionalista e um revolucionário socialista e, em tal medida, esperava a utilização da violência quando forçado, para alcançar esses objetivos. Mas sua posição, como vimos, tem sido interpretada como proporcionando uma função mais importante para a violência do que essa. Fanon estava profundamente desconfiado da qualidade da independência alcançada pelos meios políticos habituais. Ele é geralmente apresentado por colocar a culpa pela descolonização inautêntica (isto é, descolonização que não conduz ao desenvolvimento) no seu caráter relativamente não-violento. Sem a violência, é dito, as distorções sistemáticas que o colonialismo produziu nas personalidades das massas permanecem sem solução pela independência política formal. Mas vimos como ele rejeita claramente a violência como terapia quando discute os indivíduos. O cerne desta discussão é que, no nível societal, ele culpava por essas falhas não tanto os meios

relativamente não-violentos utilizados, mas a proporção muito diminuta da população que estava ativamente envolvida no processo.

A descolonização não-violenta nos tempos recentes normalmente tem envolvido apenas uma pequena proporção da população além da elite; geralmente trabalhadores assalariados nas cidades que participam de agitações e manifestações. Isso pode ser comparado com a Argélia no auge da guerra, quando a repressão era total e dirigida a todos e quaisquer nativos, ou com o incrível número de Quicuiu¹⁷ (*Kikuyu*) no Quênia, mantidos em campos de detenção no auge da emergência. Com a repressão na Argélia, por exemplo, construída e ampliada, mais colonizados se envolveram no processo de mudança, e assim foram eles mesmos transformados, como Fanon observa. Repetindo, sua ênfase não é tanto na ação violenta *per se*, mas na importância do envolvimento de cada um em sua própria libertação. “A tese de que os homens mudam ao mesmo tempo em que mudam o mundo nunca foi tão manifesta como agora na Argélia” (*Colonialism*, p. 30). Em cada capítulo dos *Studies in a dying colonialism*, é um envolvimento ativo, não necessariamente uma ação violenta, que Fanon cita como contribuindo para o afrouxamento e o derretimento dos padrões reacionários da cultura indígena fixada pela dominação colonial. Assim, por exemplo, as mulheres argelinas caminhavam abertamente sem seus véus nas ruas como portadores de mensagens secretas (*Ibid.*, Cap. 1). As estruturas familiares autoritárias se desmoronaram quando familiares, juntos, ouviam as transmissões de notícias de Estados Árabes independentes nas rádios anteriormente desprezadas e rejeitadas (*ibid.*, Cap. 2). Os filhos militantes desafiaram seus pais e filhas levaram maridos e anunciaram o fato a seus pais (*ibid.*, Cap. 3). De igual modo, a forma totalmente negativa como a cultura dos colonizadores foi avaliada começou a enfraquecer. ‘O’ doutor se tornou ‘nosso’ doutor, a medicina e as medidas de saúde pública, contra as quais se resistia anteriormente, foram aceitas sob os auspícios da FLN [Frente de Libertação Nacional].

Tentei olhar para Fanon como um sociólogo, explorando a natureza de uma sociedade colonial, suas personalidades e mudanças. Ao longo do texto, duas variações do mesmo tema foram enfatizadas. O desenvolvimento só é possível quando ele é autenticamente autóctone. Deve-se proceder por meio da reelaboração de uma cultura indígena esclerosada pelo colonialismo. Da mesma forma, cada indivíduo deve estar

¹⁷ Os *Quicuiu* (*Kikuyu*, *Gikuyu* ou *Agikuyu*) são o grupo étnico mais numeroso do Quênia, de idioma banto. [nota do tradutor]

envolvido em sua própria libertação. Estes são os temas que eu acredito que acrescentam algo a outras visões de desenvolvimento e são, portanto, profundamente relevantes para a América Latina de hoje. Antes de passar a Ivan Illich, um intelectual público (*spokesman*) contemporâneo com ideias muito semelhantes, retomarei o pensamento de Fanon brevemente. Fanon assim coloca as coisas: “Um dia, o Senhor Branco (*White Master*), *sem conflito*, reconheceu o Negro escravo. Mas este último quer fazer-se reconhecer” (*Masks*, p. 217; itálico de Fanon). Especificamente, por exemplo, os franceses aboliram a escravidão: “A rebelião chegou ao Negro de fora. O homem negro foi influenciado” (*ibid.*, p. 220). Mas este era precisamente seu problema original – ele foi influenciado. O desenvolvimento deve ser *autônomo*. Assim, eu sugiro que Fanon manteria universalmente a categoria genérica de “desenvolvimento” em qualquer situação de dominação/dependência. O senhor não pode “libertar” o escravo, nem pode a metrópole (*mother country*) “conceder” a independência, nem uma potência metropolitana pode “conferir” desenvolvimento econômico e social.

IVAN ILLICH¹⁸

Muitos autores descrevem o subdesenvolvimento com estatísticas duras sobre a redução das taxas de consumo de alimentos, assistência à saúde, educação, moradia e segurança. Tais estatísticas são tão reais para o Sr. Illich quanto para os outros, mas ao tentar colocar seu dedo na “dimensão crítica” do subdesenvolvimento, ele aponta em outras direções. A dimensão crítica de que ele nos fala seria um estado de espírito, uma forma de consciência caracterizada por uma “progressiva atrofia da imaginação social”.

Nos mundos superdesenvolvidos das potências metropolitanas, ocorreu um processo de reificação pelo qual as necessidades humanas básicas foram transformadas numa consciência da necessidade por pacotes [comerciais] de produtos específicos. No seu nível mais simples, a sede se traduz na necessidade de uma *Coca-Cola* (*coke*). Num

¹⁸ As citações de Ivan Illich neste *paper* foram retiradas das seguintes fontes: *Violence: a mirror for Americans in America*, Apr 27/68, pgs 570 ff.; *The need for counterfoil research*, discurso apresentado no Canadian Institute for Public Affairs, Couchiching, July 29/69 – publicado como Doc 69/159 pelo Centro Intercultural de Documentación, Apdo 479, Cuernavaca, Mexico P 154/1/, reimpresso com revisões no New York Review of Books, Nov 6/69, pgs 20 ff., sob o título de *Outwitting the Developed Countries*; *Talk delivered to the Conference on Inter-American Student Projects* (CIASP), Cuernavaca, Mexico, Apr. 20/68.; *The Futility of Schooling in Latin America* Doc 68/66 Centro etc. reprinted with revisions in the Saturday Review, Apr. 20/68 pgs. 57ff.; *The Institutionalization of Truth*, talk delivered at Osgoode Hall Law School of York University, Toronto, March 4/70. [nota da autora].

nível mais sofisticado, o processo é idêntico. O espaço mental da educação se torna totalmente ocupado pelo conceito da escola. Quer os pacotes sejam *Coca-Colas*, escolas, hospitais, carros ou equipamentos de cozinha, Illich expressa sérias dúvidas quanto à sua capacidade de promover o objetivo de “um despertar consciente de novos níveis de potencial humano e o uso da imaginação criativa para alimentar a intensidade da vida humana”. Um dos seus males mais evidentes é fazer de nosso ambiente um “subproduto” (*by-product*) de nossos hábitos de consumo. Seu julgamento negativo sobre a sanidade, na verdade sobre a humanidade das sociedades industriais existentes, em todas suas ideologias¹⁹, não constitui, contudo, por si só a base de sua visão sobre o desenvolvimento em outros contextos. Ele não está propondo um primitivismo banal.

A diferença estratégica, de acordo com Illich, é que podemos arcar com tais pacotes para muitos dos nossos cidadãos enquanto eles [do Terceiro Mundo ou dos países subdesenvolvidos] não podem. Ele supõe razoavelmente que a escassez de capital do Terceiro Mundo será uma constante por gerações. “Não há saída para um modo de vida baseado em \$ 5.000,00 por ano... e não há caminho possível que leve a este modo de vida para nove em cada dez pessoas de nossa geração”. O perigo, então, é que nossa exportação exploradora ou benevolente (faça sua escolha) de alguns pacotes [comerciais] custosos irão monopolizar as categorias de pensamento dentro das quais eles [os países subdesenvolvidos ou do Terceiro Mundo] procuram por soluções desesperadamente necessárias. Nós [os países desenvolvidos] iremos atrofiar seu sentido do possível, enquanto ele [Illich] acredita que nós temos o nosso próprio²⁰ [sentido].

Há duas proposições aqui. A primeira é que nossa tecnologia, em específico, e o modo de atender nossas necessidades, em geral, são tão onerosas para as nações subdesenvolvidas proverem a todos, exceto uma pequena minoria, por gerações. A maioria das estatísticas confirma isso. Illich, contudo, é um dos poucos autores que aceitam todas as implicações de tais estatísticas sem racionalizá-las (uma falha tanto dos liberais quanto dos revolucionários) e, ao mesmo tempo, continua a pensar sem desespero. Ele cita muitas vezes o exemplo dos tratores:

¹⁹ As sociedades industriais existentes se referem aqui aos países capitalistas avançados e às nações do então bloco socialista do Leste Europeu. [nota do tradutor]

²⁰ Aqui o “eles” se refere ao Terceiro Mundo, o “nós” aos países superdesenvolvidos e o “ele” a Illich. A comparação sempre se faz no *paper* entre nações desenvolvidas e subdesenvolvidas. [nota do tradutor]

O agricultor do centro-oeste pode ser convencido pela publicidade da necessidade de possuir um veículo de quatro eixos que corra 70 milhas por hora numa rodovia, tenha um limpador de para-brisas elétrico e possa ser substituído por um novo dentro de um ano ou dois. Muitos dos agricultores do mundo não precisam nem desta velocidade, nem deste conforto, nem estão interessados em obsolescência. Eles precisam de tratores a preços baixos, num mundo onde o tempo não é dinheiro, no qual os limpadores manuais são suficientes e em que uma peça de equipamento pesado deva durar mais do que uma geração. Tal veículo requer engenharia e *design* totalmente diferentes daquele produzido para o mercado dos EUA. Este veículo não está em produção.

A segunda proposição é que a crescente exposição a tais importações irá destruir o impulso para se buscar alternativas mais apropriadas e de baixo custo. Como uma prova de que tais receios não são infundados, pode-se lembrar que A. A. Thornbrough, o presidente da Vasey-Ferguson Limited (um dos maiores fabricantes de implementos agrícolas do mundo), foi citado dizendo:

Por um lado, haverá pressão para projetar ou adaptar produtos a cada mercado, com descentralização da engenharia e do planejamento do produto. Por outro lado, a uniformidade ou padronização de produtos e processos oferece uma oportunidade substancial para o controle de qualidade e custos (ROSE, 1968).

O autor do artigo continuou:

Thornbrough defende a uniformidade e a padronização, mesmo que os mercados periféricos tenham que ser sacrificados.

É claro onde estão os “mercados periféricos” que serão “sacrificados” por serem supridos com produtos inadequados pelas corporações multinacionais. De forma ainda mais marcante, o empresário-autor, com total ingenuidade, prossegue dizendo:

Há alguma evidência de que as empresas estão excessivamente preocupadas em adaptar os produtos a mercados específicos. Claramente, os automóveis devem ser adaptados às condições locais do trânsito e motores devem ser produzidos para que funcionem com a fonte de energia local. Mas, em outras áreas, a adaptação do produto é menos vital, pois quando se envolve a alta tecnologia e o produto sendo o primeiro num determinado mercado, a indústria local irá crescer em torno dele e irá se ajustar aos padrões por ele estabelecidos. Um bom exemplo é a indústria da televisão, que está estabelecendo seu próprio ambiente em mercados como a América Latina.

Aqui, com efeito, o empresário está nos dizendo exatamente o que Illich nos diz sobre a penetração de tais produtos no mundo subdesenvolvido. A diferença é que o último está consciente das implicações, enquanto o primeiro não. Além disso, as consequências são as mesmas, quer o produto seja televisão ou hospitais. Illich sumariza suas ideias da seguinte maneira:

Agora está na moda demandar que as nações ricas convertam sua máquina de guerra num programa para o desenvolvimento do Terceiro Mundo. A ameaça ao mundo industrializado representada pela superpopulação e pelo subconsumo de nove décimos da humanidade ainda pode conduzir a uma tão improvável autodefesa. Também poderia levar ao desespero irreversível, pois os arados dos ricos podem ocasionar tão mal quanto as suas espadas. A longo prazo, os caminhões estadunidenses podem causar tantos danos quanto os seus tanques, porque é mais fácil criar uma demanda em massa para os primeiros do que para os segundos. E uma vez que o Terceiro Mundo tenha se tornado um mercado de massas para as mercadorias, produtos e processos que são projetados pelos ricos para eles mesmos, a discrepância entre a demanda por esses artefatos ocidentais e a oferta irá aumentar indefinidamente. O carro da família não pode introduzir os pobres na era do jato, nem o sistema escolar pode conduzir o pobre na educação ao longo da vida, nem a geladeira da família assegura alimentação saudável para seus membros.

Quando as necessidades se tornam inseparavelmente casadas com o desejo por pacotes caros e indisponíveis, acredita Illich que neste momento o subdesenvolvimento progressivo se tornará crônico. “[...] o subdesenvolvimento educacional crônico se instala quando a demanda por escolaridade se torna tão universal que a concentração total dos recursos educacionais no sistema escolar se torna uma demanda política unânime. Neste ponto, o desacoplamento (*unpackaging*) entre educação e escola se torna impossível”.

Por si sós o antiimperialismo e a revolução política não são, acredita Illich, um antídoto. Ele afirma muitas vezes que a concepção assumida pelos revolucionários políticos (*political revolutionaries*) sobre o que seria possível e desejável se baseia nos hábitos de consumo das elites atuais. Embora entusiasmado com muitas experiências cubanas, por exemplo, ele cita a promessa de Castro de uma educação secundária para todos no prazo de dez anos como uma falta de realismo e um fracasso na busca de alternativas.

Não é nada curioso que ele frequentemente concentre seus ataques na escola. Sua posição como vice-presidente da Universidade de Porto Rico e no Conselho de

Tradução – As concepções de desenvolvimento autônomo em Frantz Fanon e Ivan Illich – Marion Butle – p. 334-367

Ensino Superior (*Commonwealth Board of Higher Education*) sugere que ele estava falando por experiência própria quando comentou: “Somente homens livres podem mudar de ideia e ficar surpresos”. O custo das escolas, sua pretensão e disponibilidade limitada contrastam com a auréola que as envolve na mente de todas as classes da América Latina e a sempre presente demanda por mais [escolas] seria, para ele, um sintoma de uma inventividade embalsamada. Ele acredita que o absurdo das leis de frequência obrigatória até os dezesseis anos, quando nenhum país da América Latina conseguiu fornecer uma educação escolar primária para mais de 25% de sua população, só pode ser compreendido sob tal circunstância. “Nós anunciamos a aposta, mas esquecemos de mencionar suas probabilidades”. A consequência de tais leis não seria simplesmente convencer a maioria de seus fracassos. O que elas fazem é destruir uma compreensão racional da causa de sua inferioridade. Tais leis cínicas são psicologicamente destrutivas porque interiorizam a culpa. Deixar a escola “é o único tipo de subconsumo pelo qual alguém é ensinado a se sentir culpado”. Com efeito, se é ensinado que você está onde está porque não soube aproveitar a oportunidade (de fato, inexistente) que o Estado lhe proporcionou. O efeito pode ser ainda pior, ele afirma, para aqueles que conseguem obter alguns anos de escolaridade. Abandonar rapidamente a escola é inevitável para a maioria daqueles que começam, mas ele argumenta que a escolaridade é como uma droga, quanto maior a dose, piores os sintomas de abstinência. “Alguma escolaridade já é suficiente para ensinar aos educandos a superioridade dos melhores escolarizados”.

Alguns cuidados devem ser tomados em relação à forma como Illich utiliza as estatísticas educacionais. É verdade, como ele sustenta, que nenhum país da América Latina forneceu uma educação escolar primária para mais de 25% de sua população. As porcentagens (ignorando Haiti) para 1962 variam de 24,5% para o Uruguai a 2,8% para a Bolívia, com uma média para o continente de 7,0%. Entretanto, a maior parte da população está na faixa etária mais jovem e as estatísticas para 1965 fornecidas pelo Dr. Fernandes indicam que a proporção de crianças de 7 a 14 anos na escola variou de 92% no Uruguai a 54,6% no Equador, com uma média para o continente de 70%. Isso de algum modo contradiz, contudo, sua tese mais geral. Se olharmos, por exemplo, o número de pessoas cujas necessidades devem ser satisfeitas, os resultados são impressionantes. Escolhendo a Inglaterra em 1750 como um ponto arbitrário de um estágio inicial de desenvolvimento, sua população era cerca de 8 milhões. A população

Tradução – As concepções de desenvolvimento autônomo em Frantz Fanon e Ivan Illich – Marion Butle – p. 334-367

do Brasil hoje é bem mais de 80 milhões. A tese geral de Illich – segundo a qual por nenhum meio concebível se pode atender às necessidades desses números, se o atendimento completo de suas necessidades for definido somente a partir de uma cultura de consumo de massa baseada em mais de \$ 5.000,00 anuais para todos – se faz claramente confirmável.

Illich acredita que é necessária “uma nova linguagem, não de desenvolvimento e subdesenvolvimento, mas de ideias verdadeiras e falsas sobre o homem e as necessidades do homem”. Os pesquisadores engajados (*counterfoil researches*) devem criar “respostas alternativas às necessidades básicas, planejadas para áreas de baixo capital (*low capital areas*)”, numa tentativa de driblar o mundo desenvolvido. Um dia – ele nos lembra – se forem bem sucedidos “os ricos ainda podem desejar se juntar aos felizes”. O trabalho deve ser feito pelo povo envolvido e em suas próprias terras, ele acredita. Os assistentes técnicos do exterior são inevitavelmente “vendedores de férias” do único modo de vida que eles conhecem. Assim, para os de fora (*outsiders*) ele diz: “Venham ver, venham escalar nossas montanhas, apreciar nossas flores. Venham para estudar. Mas não venham para ajudar”.

CONCLUSÃO

Os escritores liberais atribuem o subdesenvolvimento a um estado originário do homem enquanto os escritores marxistas o atribuem à exploração. Mas ambos enfatizam sua natureza econômica, enquanto Fanon e Illich enfatizam sua expressão cultural e psicológica. O primeiro fala de uma cultura que foi “mumificada”, enquanto o último fala de uma imaginação social que foi “atrofiada”. Ambos expressam seu horror e declaram que um revolucionário deve tomar sua posição contrária a tal situação.

Para os liberais, sua mensagem é óbvia. Os homens são capazes de infligir grandes danos a outros que depois não conseguem reparar. Os escritos de ambos [Fanon e Illich] contêm um pesado tom de ironia. Quer se trate de relações de classe, da tentativa de uma elite de ajudar as massas marginais, ou se trate da economia internacional, da tentativa das nações ricas de ajudar os pobres; tais esforços estão condenados ao fracasso. Em tais relações de dominação e dependência, tal “ajuda” sofre inevitavelmente resistência (Fanon) e se faz inevitavelmente inapropriada (Illich). O desenvolvimento deve ser “ativo/autônomo” (*actional*) tanto para as sociedades quanto

Tradução – As concepções de desenvolvimento autônomo em Frantz Fanon e Ivan Illich – Marion Butle – p. 334-367

para os indivíduos e deve proceder por meio de uma revalorização e reelaboração de formas sociais outrora vivas, agora sufocadas pela dominação.

Para os marxistas, a mensagem de ambos [Fanon e Illich] pode ser menos óbvia. A exploração de classe e nacional continua sendo a causa e a revolução permanece a cura. No entanto, ambos aprofundam nossa concepção de exploração, ao mostrarem como tais danos são internalizados. Mas também acredito que eles trazem contribuições para nossa noção de mudança, de revolução. Dizer que o subdesenvolvimento é uma função da exploração é muitas vezes dizer, implícita ou explicitamente, que a revolução política ou o fim da exploração produzirá desenvolvimento. Mas a conclusão a ser tirada de Fanon e Illich é que isso não é necessariamente assim. Ambos concordariam que a revolução política pode ser a condição necessária para o desenvolvimento, mas não é uma condição suficiente. Em outras palavras, embora continue sendo verdade que os utópicos não podem produzir revoluções, as revoluções não produzem necessariamente, sequer mesmo geralmente, utopias. Fanon e Illich aprofundam nosso entendimento do porquê elas [as revoluções] não o fizeram [produziram revoluções] e como poderiam fazê-lo.

Depois de 1917, os Bolcheviques, equacionando forçadamente desenvolvimento com industrialização em ritmo acelerado, os levou a infligir um programa irrealista e duro de poupanças compulsórias que resultou em imenso sofrimento para milhares de pessoas a quem estavam dedicados a libertar.

Após 1952, o equacionamento forçado (*slavish equating*) por parte do governo revolucionário boliviano entre a necessidade de transporte e a construção de estradas seria outro exemplo de ausência de imaginação, da incapacidade de avaliar suas próprias necessidades e de aplicar os recursos de que dispunham para satisfazê-las. O programa de construção de estradas era vultoso e dispendioso, exigindo grandes quantidades de capital e de moeda estrangeira para adquirir a maquinaria necessária. As estradas são uma forma particularmente dispendiosa de transporte para áreas montanhosas que exigem explosões, distâncias extras para subir e descer contornando as encostas das montanhas e desgaste rápido de veículos caros importados. Seus altos custos significam que apenas poucos podem obtê-los e, por isso, por definição são inúteis para a maioria que jamais poderia adquiri-los em vida e mesmo para os poucos que podem obtê-los, pois não podem arcar com os custos das viagens de caminhão. Um programa intensivo para criar e distribuir mais pontos de apoio [aos transportadores de
Tradução – As concepções de desenvolvimento autônomo em Frantz Fanon e Ivan Illich – Marion Butle – p. 334-367

cargas e mercadorias] poderia ter sido uma resposta criativa à necessidade de transporte e certamente muito menos dispendiosa. Ainda hoje, contudo, o camponês carrega seus produtos em lhamas para transportá-los ao mercado, percorrendo frequentemente ele mesmo as muitas milhas por não possuir animais de carga.

Observações semelhantes podem ser feitas em relação a seu programa de reforma agrária [do governo revolucionário boliviano]. Modelos estrangeiros inapropriados de fazendas familiares e de algumas fazendas industriais comerciais foram transplantados e nenhum esforço foi feito para revitalizar e construir [a reformar agrária] com base no *Ayllu*, uma forma tradicional de agricultura comunitária então ainda existente em muitas partes do país. O programa de reforma agrária transformou os servos em agricultores de subsistência com poucas mudanças nas condições materiais da maioria. O mesmo seria verdadeiro para o sistema de agricultura extensiva que foi criado. Uma cópia do serviço de extensão dos Estados Unidos que oferecia inseticidas, *sprays* e fertilizantes quando os agricultores não tinham sequer sementes ou água; não era surpreendente quando os camponeses ocupavam periodicamente um deles para ver do que podiam se apropriar. Essa era a extensão de sua utilidade.

Com esses tristes exemplos em mente, minha opinião é que Fanon e Illich não estavam muito enganados ao concluir que, embora a revolução possa ser o ponto de partida necessário (*necessary springboard*), “o verdadeiro salto consiste em reintroduzir a invenção/criatividade (*invention*) na existência” (grifos da autora).

REFERÊNCIAS²¹

EHRENREICH, John A. **Fanon revisited**, *Monthly Review*, Oct. 67. p. 36ff.

ENGELS, The Northern Star, Jan. 22, 1848, in Avineri ed. **Colonialism**, pgs. 47-48.

FANON, Frantz. **Studies in a dying colonialism**. (New York: Grove Press Inc. 1965).

_____ **Black skin, white masks**. (New York: Grove Press Inc. 1967a).

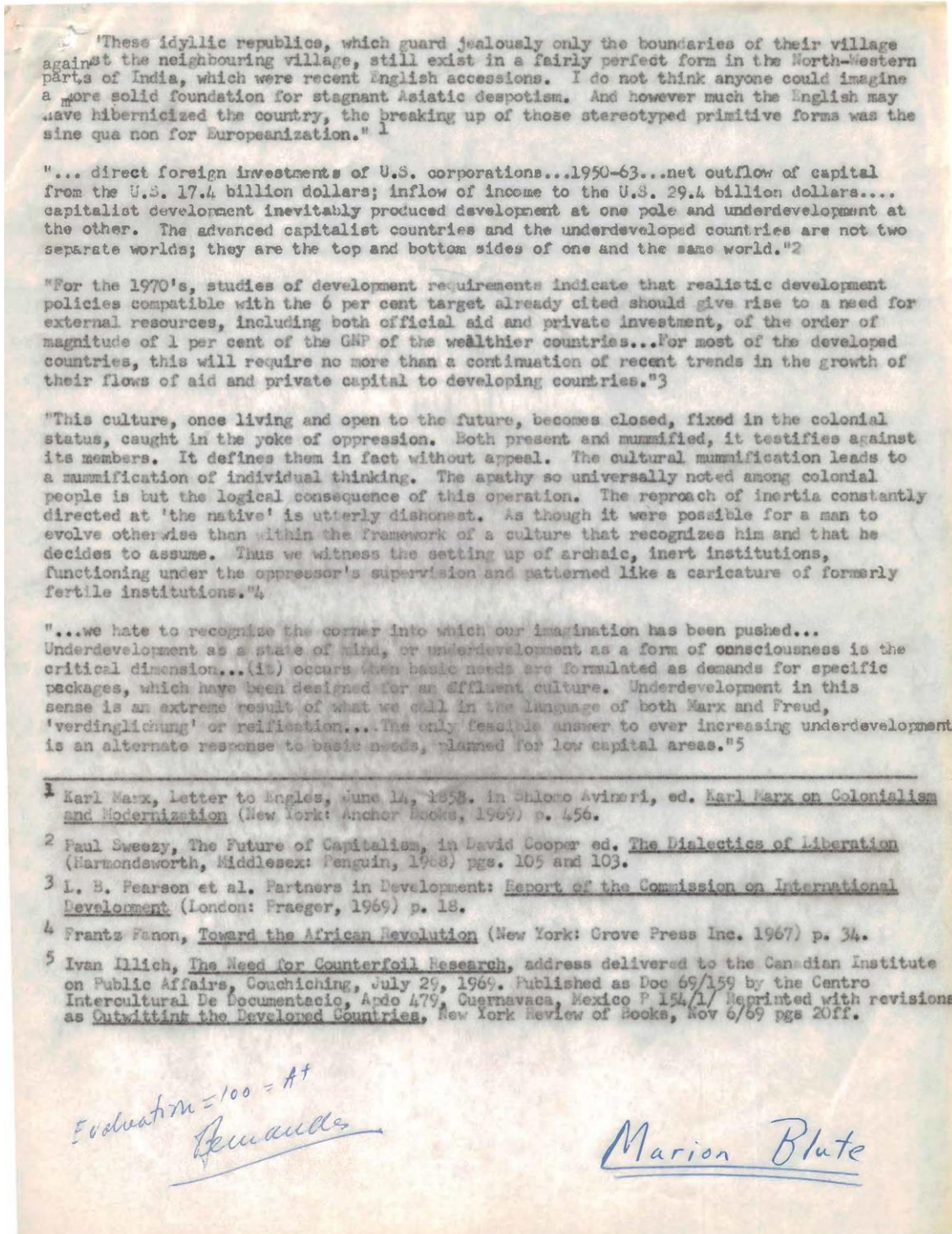
_____ **Toward the African revolution** (New York: Grove Press Inc. 1967b).

_____ **The wretched of the earth** (New York: Grove Press Inc. 1968).

²¹ As referências bibliográficas seguiram o padrão utilizado pela autora em seu *paper*, de modo que não foram obedecidas as normas da ABNT. De igual modo, as referências contidas nas notas de rodapé do tradutor não estão listadas nesta bibliografia e constam do próprio local de citação.

ROSE, Sanford. **The rewarding strategies of multinationalism.** Fortune, Sept. 15/68.

Página inicial do *paper* de Marion Blute sobre Fanon e Illich, escrito para a disciplina de Florestan Fernandes sobre “sociedades latino-americanas”



Fonte: Marion Blute

Tradução – As concepções de desenvolvimento autônomo em Frantz Fanon e Ivan Illich – Marion Butle – p. 334-367